

«Terra Gasta e Exortação Régia»: Profecias no *Baladro del Sabio Merlin* de 1535 vs. *Profecias na Crónica do Imperador Clarimundo*

Isabel Sofia Calvário Correia ✉

Pedro Balaus Custódio ✉

Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Coimbra

<https://dx.doi.org/10.5209/rfrm.100341>

Resumo: Este texto versa sobre a redação das Profecias sobre os Reis de Espanha que constam no *Baladro del Sabio Merlin* de 1535 e as Profecias proferidas por Fanimor, personagem do *Primeiro Romance de Cavalarias Português*, a *Crónica do Imperador Clarimundo* de João de Barros de 1522. Procuraremos analisar os possíveis significados ideológicos de cada uma delas, tendo, também, como pano de fundo outras profecias mais antigas, aquelas que fazem parte de um testemunho do século XIV da *Suite do Livre de Merlin*. Através de uma metodologia comparatista, será nosso intuito aferir as imagens da realeza nos dois textos.

Palavras-chave: *Crónica do Imperador Clarimundo* de João de Barros; *Baladro del Sabio Merlin* de 1535; Profecias; Livros de Cavalarias.

ESP «Tierra Gastada y Exhortación Real»: Profecías en el *Baladro del Sabio Merlin* de 1535 vs. Profecías en la *Crónica del Emperador Clarimundo*

Resumen: Este texto trata de la redacción de las Profecías que se encuentran en *El Baladro del Sabio Merlin* de 1535 y las Profecías pronunciadas por Fanimor, personaje del *Primero Libro de Caballerías Portugueses*, la *Crónica del Emperador Clarimundo* de João de Barros de 1522. Intentaremos analizar los posibles significados ideológicos de cada una de ellas, teniendo también como contexto otras profecías más antiguas, aquellas que forman parte de un testimonio del siglo XIV de la *Suite del Libro de Merlin*. A través de una metodología comparativa, nuestro objetivo será evaluar las imágenes de la realeza en ambos textos.

Palabras clave: *Crónica do Imperador Clarimundo* de João de Barros; *Baladro del Sabio Merlin* de 1535; Profecias; Libros de Caballerías.

ENG «Worn Land and Royal Exhortation»: Prophecies in the *Baladro del Sabio Merlin* of 1535 vs. Prophecies in the *Chronicle of Emperor Clarimundo*

Abstract: This text deals with the writing of the Prophecies found in *The Ballad of the Wise Merlin* from 1535 and the Prophecies uttered by Fanimor, a character from the *First Chronicle of Portuguese Chivalry*, the *Chronicle of Emperor Clarimundo* by João de Barros from 1522. To do so, we will attempt to analyze the possible ideological meanings of each of them, also considering other older prophecies, those that are part of a 14th-century testimony in the *Suite of the Book of Merlin*. Using a comparative methodology, our goal will be to assess the representations of royalty in both texts.

Keywords: *Crónica do Imperador Clarimundo*; *Baladro del Sabio Merlin* 1535; Prophecies; Chivalry Novels.

Sumário: 1. As Obras e as Profecias. 2. As Profecias: obscuridade e clareza. 2.1. As Profecias de Monmouth e as Profecias arturianas. 2.2. Clareza e redenção: o *Baladro* e *Clarimundo*. 3. Considerações finais. Bibliografia.

¹ Siglas e abreviaturas utilizadas: BSM- *Baladro del Sabio Merlin*, 1535; CIC- *Crónica do Imperador Clarimundo*.

1. As obras e as Profecias²

O *Baladro del Sabio Merlin* é uma versão castelhana do *Merlin* e da *Suite du Merlin* do ciclo designado Pseudo-Boron³. Este texto conserva-se em dois testemunhos, o incunábulo de Juan de Burgos (Burgos, 1498) e a edição de Juan Varela de Salamanca (Sevilha, 1535)⁴. Conforme dizem vários estudiosos, estas versões apesar de conterem alguns episódios das versões francesas de forma fiel, têm também importantes modificações que podem ser interpolações, novas redações, algumas providas de testemunhos franceses outras, pelo menos a julgar pelo conteúdo narrativo, redigidas por pena ibérica⁵. Assim, conforme assegura Santiago Gutiérrez García:

El trabajo comparativo del material castellano con las fuentes francesas presenta importantes dificultades, pues la cadena de transmisión textual de la obra está incompleta. Por tanto, resulta imposible saber en qué momento se introdujeron cambios al texto, pero las incongruencias en la trama permiten suponer múltiples eslabones perdidos en la cadena de transmisión textual (Gutiérrez García 1999: 217).

O enredo centra-se em Merlin, desde o seu nascimento prodigioso até à sua morte infame, causada pelo engano amoroso que provoca o baladro (*braado* em português) do mago que também serve de invocação mítica e ficcional de um suposto «conte del brait» que seria o arquétipo narrativo⁶. Além desta biografia de tão importante figura mítica, narra-se os pecados e falhas do mundo arturiano, com destaque para o terrível pecado do incesto que o há de levar à ruína. Na edição de Sevilha o texto não termina aqui. Há um capítulo que tem, no tempo da narrativa, Profecias sobre diversos reis da história de Espanha. Estas Profecias «del sabio Merlin, profeta dignissimo» são precedidas por outras, na mesma rubrica, respeitantes ao universo arturiano: «de algunas profecías que el sabio merlin dixo antes de su muerte». Para além disso, há a reter que no capítulo 9 o *Baladro* conserva também as Profecias de Geoffrey de Monmouth relacionadas com a dinastia arturiana. Apenas aquelas que dizem respeito aos reis castelhanos são exclusivas da edição de 1535. Assim:

Tabela 1: As Profecias de Monmouth e as Profecias sobre os Reis de Espanha na *Suite du Merlin*; no ms. *Didot-Perceval*, no *Baladro* de 1498 e no *Baladro* de 1535.

British Library, Add MS 38117. Merlin <i>Suite du Merlin</i> (HUTH)	Ms. NAF 4166 BNF («Didot-Perceval» / ex-Didot). Sec. XIV	<i>Baladro del Sabio Merlin</i> ed. Burgos 1498 (Van Bishop 2002)	<i>Baladro del Sabio Merlin</i> ed. Sevilla 1535 (Van Bishop 2002; Bonilla y San Martín 1907)
-----	Profecias de Monmouth (fl. 44r-52v)	Cap. 9: Profecias de Monmouth	Cap. LII: Profecias de Monmouth
-----	-----	-----	Cap. CCCXLI: Profecias de Merlin sobre o caos arturiano
-----	-----	-----	Cap. CCCXLI: Profecias sobre reis de Espanha

Já o seu primeiro editor, Bonilla y San Martín, se apercebeu disso, salientando que «El capítulo no puede ser más oscuro, pero creo ver en él ciertas alusiones á la minoría de Alonso XI de Castilla, que sucedió á su padre Fernando IV en 1312, y de quien fue tutora doña María de Molina» e que «Esta fecha de 1467 indica la modernidad de las Profecías; el *Baladro* es más antiguo» (*Baladro* 1907: 154-155). Ainda que não seja nosso propósito adentrarmos-nos pelas relações entre os textos e a filiação manuscrita, é importante dizer que o «ex-Didot» não terá sido fonte dos textos espanhóis pelas divergências textuais que apresentam como analisou Julian Abed (2007). Os *Baladros* são mais fiéis ao texto latino de Monmouth do que a versão

² Este texto resulta da apresentação de uma comunicação, por um dos autores, no colóquio V Centenario de la publicación de la Crónica do Emperador Clarimundo de João de Barros 1522-2022 Homenaje a Eduardo Lourenço, que decorreu na Universidade Complutense de Madrid, entre os dias 4-5 de maio de 2022.

³ Também chamado *Post-Vulgate* ou *Roman du Graal* segundo os autores, é discutível considerar o conjunto hispânico *Merlin*, *Suite du Merlin* e *Demanda del Sancto Graal* como um ciclo propriamente dito, em vez de uma soma de obras tardias que reescrevem material anterior, principalmente da Vulgata, com um espírito fatalista que impregna o universo arturiano e uma grande força profética que antecipa o declínio da cavalaria. Sobre este assunto, ver Bogdanow (1991), Gómez Redondo (1999: 1485-1496), Ménard (2022), Gracia (2012, 2021, 2022), Trujillo (2017).

⁴ Também é preservado um fragmento manuscrito relacionado (ms. 1877 da Biblioteca Universitaria de Salamanca, fols. 282v-296r) feito por Petrus Ortiz, 1469-1470. Narra o nascimento de Merlin e como ele dita a história para Blaise. Seu conteúdo é semelhante ao da *Suite Merlin* (ed. G. Paris y J. Ulrich, SAFT, 1886, I, pp. 1-62) com um conteúdo próximo ao dos *Baladros* de 1498 de 1535; e houve uma impressão feita por Juan de Villalquirán em 1515, agora desaparecida, mas que deve ter sido próxima, no seu conteúdo, da edição preservada de 1535.

⁵ Para Morros (1988: 458 e 465) e Gracia (2007: 230), ambas as impressões derivam de uma fonte comum, atualmente perdida, e cada uma delas introduz numerosas inovações. Bohigas (1962: III, 164-165 e 175) analisou as diferenças entre as duas e considerou as interpolações negligenciadas.

⁶ Um estado da questão pode ser encontrado em Trujillo (2005) y Cartelet (2016: cap. 8). Bogdanow (1962: 383-399) conclui que a menção ao *Conte du Brait* é um dispositivo narrativo em alguns episódios omitidos ou resumidos, e que a seção final do *Baladro* retribui as tradições francesas com notável liberdade, introduzindo elementos originais que refletem as sensibilidades culturais e religiosas da Castela medieval tardia.

⁷ Na redação deste trabalho não tivemos oportunidade de consultar a edição de Cátedra / Rodríguez Velasco (1999).

francesa⁸. Assim, apesar de ser questão controversa e sem conclusões definitivas, postula-se a hipótese de que pode ter havido um original francês comum que pode ter servido de fonte à narrativa francesa e às castelhanas:

Une branche du roman de Merlin aurait donc perduré au masculin tout au long du XIII^e siècle incluant les prophéties traduites de Geoffroy, et donnant naissance à la fois au manuscrit Didot qu'un scribe aurait fait suivre du *Perceval*, et à la transmission de la matière arthurienne en Espagne comme le montrent les résultats de 1498 et 1535 (Abed 2007: 98).

Distinta hipótese é avançada por Penélope Cartelet (2016: 319):

las profecías faltaban en el modelo francés que llegó a la Península, pero el compilador del arquetipo peninsular de los *Baladros* decidió insertarlas, con el fin de restaurar el episodio completo de la torre de Vortigern, tal como lo conocía en la versión de la *Historia*. Por lo tanto, el conjunto de profecías galfridianas no constituye una verdadera interpolación, menos aún mal ubicada: se trata o, posibilidad más dudosa, de la huella de una línea de testimonios del *Merlín* que conservaron las profecías de la *Historia*, o, más probablemente, del resultado del cotejo de un compilador peninsular entre el texto del *Merlín* y el de la *Historia*, pareciéndole el primero incompleto a la vista del segundo, por lo que decidió introducir el pasaje «faltante».

Como já acentuamos, não é nosso objetivo analisar estas obras do ponto de vista da filiação e tradição manuscrita ou impressa, apenas nos parece que será necessário um cotejo mais detido entre os testemunhos em apreço, verificando nuances linguísticas e tradutórias para se tentar afinar o percurso dos textos.

Julian Abed (2007) interroga-se sobre o motivo que teria levado os tradutores dos *Baladros* a incluírem as *Profecias* de Monmouth, texto antigo e exclusivamente votado aos reis da Grã-Bretanha, uma vez que seria de pouco interesse para o público da época moderna. O investigador conclui que tal se deve ao facto de o tradutor ter seguido fielmente o original francês que traduzia, não omitindo o texto. Ainda que seja uma hipótese plausível, talvez a matéria não esteja tão arredada dos propósitos didáticos que estas duas versões de livro de cavalaria de ambiente arturiano teriam na rede nobiliária castelhana (Gómez Redondo 1999: 1460-1462; Trujillo 2017: 25-26).

Há vários fatores que sustentam esta nossa hipótese. O primeiro deles é verificar que na edição de 1535 o tradutor / refundidor redige um conjunto de Profecias sobre os reis de Espanha, ou seja, Merlin é a autoridade mítica, por um lado, Monmouth o cronista inspirador deste novo modelo menos obscuro (Casais 2009) e mais claro de ensinamentos proféticos, no tempo da narrativa, sobre o que é ser rei. Desta forma, no *Baladro* de 1535, como no *Clarimundo*, dois mestres profetizam, no tempo da narrativa, a exemplaridade de reis. Tal como, ainda que em sentido condenatório e não de exortação, Monmouth já descrevera e Merlin profetizara. Este complexo jogo de fontes, como a crónica bretã, usadas por personagens arturianos, como Merlin, ou a «reescrita de Galvão», como o Fanimor de *Clarimundo*, assenta em motivos metafóricos ou é explícito na nomeação de quem exortam ou condenam o que, como adiante se verá, depende da camada textual a que nos referimos e dos propósitos laudatórios que as obras teriam. Observem-se, então, os motivos das Profecias dos *Baladros* e de *Clarimundo*.

2. As Profecias: obscuridade e clareza

2.1. As Profecias de Monmouth e as Profecias arturianas⁹

O texto que se reporta ao de Monmouth serve-se de alegorias de diversos animais para anunciar a queda de Vortinger (Veringuer no texto castelhano). Assim, nada é explicitamente nomeado apenas se profetiza o fim de um reino, pejado de combates entre *bestias bravas*, tais como o javali, o leão, o lobo e o dragão. No final, o dragão morre envenenado. Merlin explica apenas a simbologia do dragão a Vortinger anunciando que «los hijos de Constantenes» (BSM, cap. LIV p. 566) (cap. 10; Bonilla y San Martín 1907: cap. LIII, 23) viriam para o destruir pois ele não cumpriu as suas obrigações de suserano: «los hijos de Constantenes se quedaron pequeños despues de la muerte de su padre; e si tu fueras tal qual devieras, tu los guardaras e les defendieras»; antes enganou os súbditos, «quando tu viste que te amavan feziste afuera de su fazienda» (BSM, Cap. LIV, p. 981) (cap. 10; Bonilla y San Martín 1907: cap. LIII, 22) chegando a manipulá-los para matar outro senhor, rei Maine, o suserano atual da Grã-Bretanha, para ficar ele o senhor: «ca aquellos a quien tu lo dixiste entendieron que tu querias su muerte & por ende mantaronlo» (BSM, cap. LIV, p. 982) (Bonilla y San Martín 1907: cap. LIII, 23).

O mago clarifica o significado essencial, Vortinger falhou como rei / suserano e teria o castigo merecido. Esta condenação das atitudes de mau rei não seriam, cremos, tão distantes dos gostos e expetativas do público do século XVI. Retenhamos, então as Profecias de Merlin, vindas da obra de Monmouth e outros anúncios arturianos.

Seria tarefa hercúlea reunir todos os anúncios que são feitos ao longo do ciclo sobre a terra gasta e o declínio arturiano. É na *Suite* que o pecado do incesto espoleta a desgraça do monarca, mas não só.

⁸ Para uma interpretação das *Prophetiae Merlini* presentes nos *Baladros* castelhanos, ver Casais (2014) e um estado da questão em Casais (2013).

⁹ Ainda que as Profecias de Monmouth também tenham sido retomados no *Baladro* de Burgos (1498), não sendo nosso propósito equacionar diferenças redacionais ou outras entre as duas versões, apenas citamos as da edição de 1535.

No *Lancelot-Graal*, no episódio conhecido como Fausse-Genievre ou Falsa Ginebra para nos mantermos em solo peninsular, Artur é já um mau rei pois não age, é apático e deixa-se enganar pela Falsa Ginebra descurando a esposa legítima e o reino. Artur é um rei culpado, como afirma Ana Sofia Laranjinha:

agora a ênfase já não é posta na insuficiência, mas na culpa e esta deixa de dizer respeito apenas à incapacidade do homem cumprir as suas funções políticas [...] uma imagem do rei fortemente negatizada (Laranjinha 2010: 303).

O pecado do incesto, Artur e sua irmã Morgana, e a inércia do monarca levarão à sua morte e queda do reino arturiano. Artur, como Vortinger, falhou. No ciclo arturiano, não há Profecias de redenção régia, tal privilégio está reservado à cavalaria como se constata no sonho profético de Galehout, decodificado por mestre Elias de Tolouse, que anuncia a vinda do melhor cavaleiro do mundo, que redimiria o pecado de luxúria do seu pai, Lancelot (Correia 2013). Ora, é esta ideologia que uma obra do século XVI não poderia assumir.

2.2. Clareza e redenção: o *Baladro* e *Clarimundo*

O *Baladro* de Burgos de 1498 tem um prólogo que retoma um episódio arturiano, contido na *Estoria do Santo Graal* que versa sobre Evalac, prestes a ser convertido, e a sua vitória sobre Tolomer. A reescrita deste episódio arturiano, a nosso ver, ganha novos contornos ideológicos como já afirmámos em trabalho anterior (Correia 2012):

A figura dominante deste paratexto não poderia ser Artur, não só porque seria anacrónico na diegese, mas sobretudo porque Artur não era, no romance arturiano em prosa, um monarca que exercia a justiça e autoridade régias. Basta lembrarmos que, na versão do *Lancelot en Prose* que circulou em Castela, e que hoje se conserva no manuscrito quinhentista 9611 da BNE, o rei de Logres era considerado «perjurado e gran mintiroso, probado omecida, fornicador, ladrón, ereje e traidor». Para além disso, Artur era já um rei cristão e nunca se envolvera numa guerra contra os idólatras. Evalac, no paratexto do *Baladro*, é, pelo contrário, o grande responsável pela vitória na batalha contra os pagãos, chegando até a ser preso por se ter convertido. O rei e a fé cristã saem vencedores, como Isabel, a Católica, e Fernando com a conquista de Granada. Não é tempo de exaltar as proezas cavaleirescas, mas de lembrar que os súbditos podem ser traidores e encarcerar o bom rei, como aconteceu a Evalac, neste prólogo, e a Enrique IV que acabou traído por aqueles que mais apoiou (Correia 2012: 191).

A edição de 1535 tem na sua tábua de capítulos o anúncio de um prólogo, porém, perdeu-se ou não terá sido redigido¹⁰. Em vez de um *incipit* narrativo elogioso dos soberanos castelhanos conquistadores da fé cristã, que se lê em palimpsesto no Prólogo de 1498, o *Baladro* de 1535 tem longas páginas de outras Profecias de Merlin, deixadas após a sua morte, que anunciam, na narrativa, os bons e os maus reis de Espanha. Cartelet (2017) sugere que este longo, intrincado e por vezes confuso texto se divide em três grupos, de acordo com as palavras introdutórias que o encimam. Assim, teríamos as Profecias de Merlin no Palácio de Artur; As Profecias de Merlin nos Arredores de Londres; As Profecias de Merlin a Mestre António. O primeiro dos grupos nada diz respeito aos vindouros reis de Espanha, mas, de novo, concretiza o desaire do mundo arturiano. Os dois outros grupos referem-se a diversos reis de Espanha, a conquistas e derrotas face aos muçulmanos sendo que muitos dos eventos se repetem nos dois grupos.

Logo, de forma muito clara, nomeiam-se alguns monarcas, os seu (pré)destinos e o seu lugar. Fernando, o Santo é mencionado apenas como exemplar, já o filho Afonso X vê em perigo a sua honra e salvação por uma blasfémia que dissera, porém, graças à sua fé em Santa Maria, e a ter feito penitência nos últimos dias de sua vida conseguiu evitar as penas do inferno. Outra figura régia, não neste tempo, é Dom Manuel, da dinastia Trastâmara, claramente nomeado, é Sancho IV o seu filho rebelde que, de acordo com a narrativa, enfrentou o pai como castigo divino pela falta de Afonso X. Outro dos designados é Pedro I, condenado pelo seu péssimo carácter e pela forma como desgovernou Espanha. Todos os outros de quem se fala não são nomeados, mas alegoricamente associados a animais, tal como nas Profecias de Monmouth, lobo, cervo, leão, leopardo, gavião, escorpião e javali (Entwistle 1925: 56). De reter que algumas destas *bestas* são comuns às mencionadas nas Profecias de Monmouth.

O texto culmina com o melhor dos reis, aquele que propalou e difundiu a fé cristã e conquistou o império, «parecera em sus hechos al rey David» (BSM, p. 981). Segundo Cartelet (2016: 161):

Finalmente, la imagen que se desprende del principal protagonista de esta larga narración profética es la de un rey perfecto, a la vez defensor de la Iglesia y guerrero sin par, capaz tanto de proezas históricas –la toma de Granada–, como de hazañas imaginarias –las conquistas de Asia y África o el dominio de Inglaterra [véase p. 162b]–. El Fernando V así creado no solamente está a la altura de los antiguos grandes reyes, sino que los supera a todos: «Y David, e Salomon, e Alexandre, estos tres, que fueron los mas nobles e los mas preciados del mundo, estos perderan sus bozes por la suya deste rey Leon de España».

Pelo que vemos, tal como nas Profecias de Monmouth, como na narrativa arturiana, sugerem-se comportamentos que a realza não deve ter, ou seja, os reis devem ser tementes a Deus, não pecar, não

¹⁰ Como se sabe, a tábua é um dos paratextos do impressor, que a edição de 1535 copia de 1515, ligeiramente modificada (Trujillo 2017: 21-23). A materialidade da obra pode ser consultada em Comedic CMDC110: <<https://comedic.unizar.es/index/read/id/110>>.

profaçar ou serão punidos. Todavia, ao contrário do que acontece com o Artur sem redenção, nas Profecias finais do *Baladro*, o rei Afonso X pode ter perdão pelo arrependimento e conduta, tendo, aliás, tido o privilégio de ser avisado por um anjo dos seus erros e da melhor forma de os minimizar.

Ora, a nosso ver, tal possibilidade vinca as distintas ideologias que servem como pano de fundo ao texto arturiano do *Baladro* e a esta Profecias. No primeiro, a ideologia da cavalaria e da nobreza, braço direito da justiça, da castidade, do equilíbrio; no segundo, a ideologia centralizadora do poder régio, braço justiceiro *per se*, conquistador de além-mar e responsável pela pregação da fé. No mundo do *Baladro* não há lugar para um rei que cai, mas sim para outro que o redime, nomeadamente pela conquista de territórios aos infiéis e pela conversão das longínquas terras de África e Ásia. Assim, estas Profecias condenam a má ação do rei, desde o não saber governar até ao pecado, mas apresentam a redenção, o rei-messias que salvará a Espanha:

El conjunto profético dedicado al rey León constituye, por tanto, un caso ejemplar de los oráculos de los que se burlaba Gutierre Díez de Games: aprovechando la credibilidad creada por referencias a sucesos verdaderos, el texto profético pasa a prometer al nuevo rey todas las conquistas y glorias imaginables, tanto en el nivel terrenal como en el espiritual. En la presente interpolación, la cantidad de anuncios tocantes a acontecimientos reales de la historia de España que preceden el conjunto relativo al rey León, así como la supuesta autoría de Merlín, profeta que goza de un reconocimiento general, como ha mostrado su repetida inclusión en los textos político-históricos de la Edad Media castellana, funcionan como garantías adicionales de los oráculos mesiánicos finales, que cantan las alabanzas de Fernando el Católico (Cartelet 2017: 339).

É, pois, em apoteose, que terminam estes prenúncios narrativos, factos no ambiente da época. Estava desenhado o *príncipe* ideal. Outra narrativa, também uma novela de cavalaria com feitos, façanhas e grandes conquistas, num reino vizinho, tem semelhante interpolação profética. Referimo-nos à *Crónica do Imperador Clarimundo, de onde descendem os valorosos reis de Portugal*. O *Clarimundo* (Lisboa: Germão Galharde, 1522) dista 13 anos deste *Baladro*, logo, poderemos considerá-los dois livros coevos. O espanhol, como vimos, narra Artur e o seu declínio, o português versa sobre Clarimundo e os seus sucessos. O *Clarimundo* tem o enredo típico das novelas de cavalaria, com vários motivos arturianos como pano de fundo, de que Aurelio Vargas Díaz-Toledo deu boa nota (Vargas Díaz-Toledo 2012)¹¹. Clarimundo, sendo filho do imperador da Hungria é um valoroso *príncipe*, como o serão aqueles que dele vierem. Na realidade, nada¹² parece justificar o arrobo de Fanimor, que conta sucessos pretéritos e vindouros, sendo que, evidentemente, dentro da narrativa todos eles são futuros pois estamos a falar da génese da linhagem régia, a um príncipe já perfeito, carecendo de admoestações ou avisos. É somente ímpeto divino que o leva a querer narrar tão fabulosas façanhas a Clarimundo¹³.

Clarimundo tinha acabado de derrotar o gigante Morbanfo e pretendia ir celebrar com os habitantes de Torres Vedras que regozijavam pelo fim de tão tirano senhor que abomináveis tributos requeria. Porém, o Senhor das Pousadas do Sol, diz-lhe que devem ir a outro lugar, o Monte da Lua, futura Sintra, sítio elevado e propício à contemplação. Aí, depois de se vestir de forma apropriada e aconselhar Clarimundo a ter a mente limpa e aberta, como Merlin também fez com Vortinger e Artur, Fanimor desfila os vários sucessos de diversas dinastias régias, desde o Conde D. Henrique, o neto de Clarimundo, até ao maior dos reis, o da época histórica, D. João III.

Ao contrário do que acontece com as Profecias de Monmouth e de Espanha no *Baladro*, todos os reis são nomeados e a alegoria com animais está apenas reservada para lugares que se hão de conquistar, como a loba-marinha que é Ceuta ou os súbitos de D. João III, «mansos cordeiros fartos guardados» (cap. LXXXII, p. 481), ou seja, um reino farto, seguro e feliz que não deve temer o «lobo danado que a vida lhe espreita» (cap. LXXXII, p. 481), contudo, deve estar de olhos abertos para os desaires do destino e os traidores que sempre procuram derrubar o rei.

3. Considerações finais

Dos não muito abundantes estudos sobre o *Clarimundo*, a sua maioria versa sobre as Profecias, nomeadamente como foram usadas por Camões, n'Os *Lusíadas*, como evocam a identidade do povo português e a exaltação do império ou, ainda, como recorrem a simbolismos míticos da cultura lusa, como a imagem da saudade no escudo de Clarimundo¹⁴.

Nestas breves linhas, pretendemos apenas confortar o excerto português com os espanhóis que temos vindo a mostrar, reafirmando a ideia já defendida pelos estudos anteriormente mencionados da exaltação régia que no texto luso, a nosso ver, alcança a apoteose. Veja-se a tabela comparativa:

¹¹ Porém estes motivos, a nosso ver, estão mais no plano da construção narrativa e da reescrita de temas, estando longe de ser explícitos, estando alguns deles já em ampla circulação na ibéria, como o filtro do amor e a loucura alheamento do herói que são, a nosso ver, tristanianos e da tradição do Lanzarote.

¹² A relação do discurso profético de Fanimor, o Mago do Clarimundo, com a restante narrativa pode causar alguma estranheza. Ao longo da estória há sonhos proféticos, visões e prenúncios, mensagens codificadas. Porém, estas profecias afastam-se do estilo «obscuro» sendo claras e objetivas. Por isso, afirmamos que não se enquadram na narrativa, contudo, servem claramente o propósito deste livro.

¹³ As «grandes profecias acerca das cousas de Portugal» encontram-se no cap. LXXXII. A edição que utilizamos é a coordenada por Ricardo Ventura (2018). As Profecias ocupam as páginas 465-481.

¹⁴ Veja-se, apenas a título de exemplo, Almeida (1998), Riscado (1998), Lourenço (1986), Paixão (2016a, 2016b), Reis (2013, 2018, 2019) e Zierer (2005).

Tabela 2: Interpretação resumida do significado das Profecias no texto de Monmouth, no *Baladro* de 1535 e no *Clarimundo*.

Profecias de Monmouth	Profecias de Espanha	Profecias de Fanimor
Não se nomeia nenhum rei.	Nomeiam-se três figuras, duas delas monarcas, outra de uma dinastia que virá a reinar em Espanha, os Trastâmara. Todos os demais são animais.	Todos os reis são nomeados, exceto o último.
Há diversas guerras e rebeliões. O mundo arturiano sucumbe.	Há diversas guerras, regicídios, mas Espanha sai vitoriosa como reino cristão.	Há guerras santas e conquistas. Portugal é o império.
Não há bons reis, apenas traidores e traídos.	O rei perfeito é o conquistador, o apaziguador e o que propaga a fé cristã.	Não há máculas nos reis, o último é o que coroa em júbilo os antecessores e reinará num pacífico império.
Desmerecimento da realeza insuficiente.	Exempla do que é ser um bom ou mau rei.	Apoteose da linhagem régia.

Assim, ainda que o texto do *Baladro* sobre os reis de Espanha já exalte a monarquia e destaque o rei vigente na época, notámos que tem um cariz didático e moralizante, apontando algumas falhas a alguns reis pretéritos, chegando mesmo a condenar violentamente Pedro I. Tal propósito pode ter como fim exaltar ainda mais a dinastia Trastâmara e Fernando o Católico que salvou a Espanha «y sojuzgara a todas las conquistas de Africa» (BSM, p. 982).

No *Clarimundo*, não há manchas em nenhum rei. Nenhum pecado os assombra, e até Fernando, o Formoso, é digno de louvor pelas obras que fará em Lisboa. A crise sucessória é, neste texto, uma graça do destino para exaltar ainda mais os feitos de João e da Dinastia de Avis, «memória honrosa de quanta vitória / neste tal braço terá / e onde claramente se verá quanto em ti cobrou Portugal» (CIC, p. 471). Exalta-se o combate a mouros e judeus, num claro fervor de guerra santa e desfilam-se nomes de conquistas de terras e de fiéis deste Ceuta até à longínqua Ásia. Para o melhor, João III, está reservada a paz. Talvez seja esta a resposta ao verso «A ti Portugal que estás descontente quero eu dar alegre esperança» (CIC, p. 480). A crítica tem interpretado esta frase como messiânica, ou seja, João III seria o bom rei que salvaria Portugal. Porém, como se vê no *Clarimundo* todos os reis foram bons, todos bem governaram, todos bem instruíram a fé, todos conquistaram o império. Assim, que reservar a João III, monarca a quem se dedica este livro? A tão almejada paz e a certeza de repousar numa linhagem régia imaculada. Clarimundo, depois de ouvir Fanimor, sente-se em cuidado pela grandeza daqueles que dele descendem, João III, na época o último da linhagem, tem a honra deles descender e de gerir o império com abundância e pacifismo.

Não cremos, no nosso modesto entender, que seja um messias, mas um apaziguador que honrará o que herdou dos antepassados, «tão cristianíssimos e poderosos reis como os portugueses têm alcançado» (CIC, Prólogo ao Rei Dom João, p. 82); é, pois, como diz Flávio Reis (2013: 158) uma celebração do reinado de João III. Há uma diferença maior entre o texto luso e o castelhano: o *Baladro* serve-se do exempla de Fernando, as Profecias do *Clarimundo* são um relato linhagístico. Estamos perante a construção da linhagem escolhida, a do rei. Tal como no mundo arturiano, entre alegorias e culpabilização régia, estivemos perante a construção da linhagem escolhida, a do cavaleiro. Rematamos com as sábias palavras de Eduardo Lourenço:

Assim, sob a forma romanesca e mítica, João de Barros dá corpo a duas lendas genealógicas que se referem ao herói fundador da nossa pátria: aquela que o faz proceder da Hungria e aquela que o faz descender de imperadores gregos. A grandeza nascente de Portugal postulava então esta genealogia imaginária e maravilhosa (Lourenço 1986: 6-7).

Assim, as Profecias do *Baladro*, são um modelo didático de comportamento, tendo como figuras exemplares os Reis Católicos. As Profecias do *Clarimundo* são, atrevemo-nos, quase uma epopeia que exalta um herói coletivo, a linhagem dos reis de Portugal. Tal não significa que no *Clarimundo* não se proponha, de forma mais subliminar, um modelo de comportamento régio, ou seja, Dom João III devia ver nas Profecias o seu «espelho de príncipe»; porém enquanto os reis castelhanos deveriam aprender com as falhas dos predecessores, D. João apenas tem de se orgulhar dos seus antepassados que deve honrar fazendo jus às suas raízes.

Bibliografia

Edições consultadas¹⁵

- Bohigas, Pere (ed.) (1962): *El baladro del sabio Merlín según el texto de la edición de Burgos de 1498*. Barcelona: Selecciones Bibliófilas, 3 vols.
- Bonilla y San Martín, Adolfo (ed.) (1907): *El baladro del sabio Merlín*, in *Libros de caballerías. Primera parte: Ciclo artúrico*. Madrid: Nueva Biblioteca de Autores Españoles.

¹⁵ Como já referimos, não consultámos a edição de Pedro M. Cátedra y Jesús D. Rodríguez Velasco (1999), *El baladro del sabio Merlín con sus profecías*, ed. en facsímile y estudios. Gijón: Editorial Trea.

- Monmouth, Geoffrey de (1929): *Historia regum Britanniae*, in Edmond Faral, *La légende arthurienne. Études et documents*, Paris: Honoré Champion, vol. 3, pp. 63-303 [texto original].
- Roach, William (ed.) (1941): *The Didot Perceval, according to the manuscripts of Modena and Paris*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- Robert de Boron, *Joseph d'Arimathie, Le Livre de Merlin, Suite de Merlin* ('Huth Manuscript'). British Library, Add MS 38117 (1275-1325), 226 fols. em duas colunas.
- Roussineau, Giles (ed.) (1996): *La Suite du Roman de Merlin*. Genève: Droz, 2 vols.
- Van Bishop, Tracy (ed.) (2002): *A parallel edition of the «Baladro del sabio Merlín»: Burgos 1498 and Seville 1535* [tese de doutoramento]. Madison: University of Wisconsin-Madison.
- Ventura, Ricardo (coord.) (2018): *Crónica do imperador Clarimundo de João de Barros*, in José Eduardo Franco y Carlos Fiolhais (dirs.), *Primeiro romance de cavalaria e primeira novela sentimental*. (Obras Pioneiras da Cultura Portuguesa, 10). Lisboa: Círculo de Leitores, pp. 75-590.

Bibliografia citada

- Abed, Julian (2007): «La Traduction Française de la Prohetia Merlini dans le Didot-Perceval (Paris, BnF, nouv. Acq. Fr. 4166)», in Richard Träscheler (ed.), *La Mout obscuras paroles, Études sur la Prophétie médiévale*. Paris: Presses de l'Université de Paris-Sorbonne, pp. 81-105.
- Almeida, Isabel (1998): *Livros portugueses de cavalaria: do Renascimento ao Maneirismo* [tese de doutoramento]. Lisboa: Biblioteca da Universidade de Lisboa.
- Bogdanow, Fanni (1962): «The Spanish Baladro and the Conte del Brait». *Romania* LXXXIII, pp. 383-399.
- Bogdanow, Fanni (1991-2001): *La version Post-Vulgate de La Queste del Saint Graal et de La Mort Artu*. Paris: Société des Anciens Textes Français, 5 vols.
- Correia, Isabel (2012): «“Recuenta el auctor la presente obra”: o prólogo do *Baladro del Sabio Merlín*, de Juan de Burgos, e a afirmação do poder regio». *Cahiers d'études hispaniques médiévales* 35 pp. 181-193. <https://www.persee.fr/doc/cehm_1779-4684_2012_num_35_1_2280> [Consulta: 01/02/2025].
- Correia, Isabel (2013): *Do Lancelot ao Lançarote de Lago. Tradição textual e difusão ibérica do romance arturiano contido no ms. 9611 da Biblioteca Nacional de Espanha*. Porto: Estratégias Criativas.
- Cartelet, Penélope (2016): «Capítulo VIII. Las profecias interpoladas del *Baladro del sabio Merlín*: la ambición de una enciclopedia merliniana», in *Fágote de tanto sabidor. La construcción del motivo profético en la literatura medieval hispánica (siglos XIII-XV)*. Paris: e-Spania Books. DOI: https://doi.org/10.4000/books.esb.1044
- Casais, Alejandro (2009): «Retórica y obscuritas profética en el Baladro burgalés». *Analecta Malacitana* 32/2, pp. 353-397.
- Casais, Alejandro (2013): «Las *Prophetiae Merlini* de Geoffrey de Monmouth en los Baladros castellanos: estado de la cuestión». *Letras* 67-68, pp. 39-53.
- Casais, Alejandro (2014): *Análisis e interpretación de las Prophetiae Merlini de los Baladros castellanos (Burgos 1498-Sevilla 1535)* [tese de doutoramento]. Buenos Aires: Pontificia Universidad Católica Argentina.
- Entwistle, William James (1925): *The Arthurian Legend in the Literatures of the Spanish Peninsula*. London / Toronto: Dent & Sons.
- Gracia Alonso, Paloma (2007): «Los “Merlines” castellanos a la luz de su modelo subyacente: la “Estoria de Merlín” del ms. 1877 de la Biblioteca Universitaria de Salamanca», in Juan Manuel Cacho Bleuca (coord.), *De la literatura caballeresca al Quijote*. Zaragoza: Universidad de Zaragoza, pp. 233-248.
- Gracia Alonso, Paloma (2012): «Avatares ibéricos del ciclo artúrico de la post-vulgate: el título del baladro del sabio Merlín con sus profecias (Burgos, 1498) y la colección profética derivada de la *Historia Regum Britanniae*». *Zeitschrift für romanische Philologie* 128/3, pp. 507-521.
- Gracia Alonso, Paloma (2021): «Historia crítica del ciclo del Pseudo-Robert de Boron. Reconstrucción de la trilogía (1886 a 1966)», in Meritxell Simó et al. (eds.), «*Prenga xascú ço qui millor li és de mon dit*: creació, recepció i representació de la literatura medieval. San Millán de la Cogolla: Cilengua, pp. 431-442. DOI: https://doi.org/10.3989/rfe.2022.005
- Gracia Alonso, Paloma (2022): «Los Baladros de Burgos (1498) y Sevilla (1535) frente a frente: su idiosincrasia y la de su modelo». *Revista de Filología Española* 102/1, pp. 111-132.
- Gómez Redondo, Fernando (1999): «El baladro del sabio Merlín», in *Historia de la prosa castellana, vol II. El desarrollo de los géneros de la ficción caballeresca y el orden religioso*. Madrid: Cátedra, pp. 1485-1496.
- Gutiérrez García, Santiago (1999): *Merlín y su historia*. Madrid: Alianza.
- Laranjinha, Ana Sofia (2010): *Artur, Tristão e o Graal: a Escrita Romanesca no Ciclo do Pseudo-Boron*. Porto: Estratégias Criativas.
- Lourenço, Eduardo (1986): «Clarimundo: da ideologia à simbologia imperial». *Cultura História e Filosofia* 5, pp. 61-72.
- Ménard, Philippe (2022): *Temas y problemas de literatura artúrica*. San Millán de la Cogolla: Cilengua.
- Morros Mestres, Bienvenido (1988): «Los problemas ecdóticos del Baladro del sabio Merlín», in Vicenç Beltran Pepió (ed.), *Actas del I Congreso de la Asociación Hispánica de Literatura Medieval (Santiago de Compostela 2 al 6 de diciembre de 1985)*. Barcelona: PPU, pp. 457-471.
- Paixão, R. Santana (2016a): *Aventura e identidade: história fingida das origens e fundação de Portugal: Crónica do imperador Clarimundo: um livro de cavalaria do quinhentismo peninsular* [tese de doutoramento]. Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.

- Paixão, R. Santana (2016b): «Chronica do Emperador Clarimundo, Donde os Reys de Portugal descendem» (1522): Factos e Fantasia na construção de uma identidade», in Catarina Fernandes Barreira (ed.), *Luz, cor e ouro: Estudos sobre manuscritos iluminados*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, pp. 293-306.
- Reis, Flavio António Fernandes (2013): *A Prymeira parte da cronica do emperador Clarimundo donde os Reys de Portugal descendem: retórica e ensinamento moral na crônica de João de Barros* [tese de doutoramento]. São Paulo: Universidade de São Paulo.
- Reis, Flavio António Fernandes (2018): «Acerca da ekphrasis numa passagem do *Clarimundo*, de João de Barros: cena de pictórico heroísmo». *Polifonia* 24 (36), pp. 164-179. <<https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/5041>> [Consulta: 01/02/2025].
- Reis, Flavio António Fernandes (2019): «As Saudades de Clarimundo: O Lugar Maravilhoso na Narrativa Cavaleiresca de João de Barros», in Maria Celeste Natário, Paulo Borges e Luís Lóia (coords.), *Viagens da Saudade*. Porto: Universidade do Porto, pp. 118-124. DOI: <https://doi.org/10.21747/978-989-8969-26-2/viag>
- Riscado, Maria Leonor Crespo Ramos (1998): *A linguagem poética da crónica do Imperador Clarimundo. Texto policopiado da tradição à inovação ou «o discurso da conciliação»* [tese de mestrado]. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- Trujillo, José Ramón (2005): «El Baladro del sabio Merlín», in Carlos Alvar (ed.), *Gran Enciclopedia Cervantina*. Madrid: Castalia, vol. 2, pp. 1068-1072.
- Trujillo, José Ramón (ed.) (2017): *La Demanda del Santo Grial*. Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá (Libros de Rocinante, 33).
- Vargas Díaz-Toledo, Aurelio (2012): *Os livros de cavalaria portugueses dos séculos XVI-XVII*. Lisboa: Pearlbooks.
- Zierer, Adriana (2005): «Megiani, Ana Paula Torres, *O Jovem Rei Encantado. Expectativas do Messianismo Régio em Portugal, séculos XIII-XVI*. São Paulo: Hucitec, 2003». *Mirabilia: electronic journal of antiquity and middle ages* 4, pp. 166-70, <<https://raco.cat/index.php/Mirabilia/article/view/283638>> [Consulta: 01/02/2025].